

DICIONÁRIO DIGITAL INTERNACIONAL *SPREAD THE SIGN*:
INSTRUMENTO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO
E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

*International Digital Dictionary Spread the Sign:
Pedagogical Instrument for Teaching and Learning Language*

DOI: 10.14393/LL63-v37n2-2021-01

Angela Nediane dos Santos*

Tatiana Bolivar Lebedeff**

Ygor Corrêa***

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apontar estratégias pedagógicas de utilização do dicionário digital internacional de línguas de sinais, *Spread the Sign* (STS), para o ensino de línguas de sinais, voltado à Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira ou segunda língua, e à Língua Portuguesa (LP) como segunda língua. Metodologicamente, este é um estudo bibliográfico e descritivo que apresenta o dicionário STS, suas interfaces (*mobile* e *desktop*) e realiza um levantamento das principais publicações brasileiras a seu respeito, com vistas à sua utilização em sala de aula. Constataram-se, pela pesquisa bibliográfica, pouca exploração e utilização de recursos digitais tecnológicos que tratem da aprendizagem de línguas de sinais, bem como, no caso específico deste artigo, pouca produção científica brasileira sobre o uso do STS em contexto educacional. Apresenta-se uma proposta para sua utilização como instrumento pedagógico, evidenciando-se o potencial do STS como ferramenta para o ensino e a aprendizagem de línguas de sinais, em especial, a Libras, a LP e outras línguas de sinais estrangeiras, seja para utilização do dicionário digital na Educação Básica ou Superior.

PALAVRAS-CHAVE: *Spread the Sign*. Línguas de sinais. Instrumento pedagógico. Ensino e aprendizagem de Línguas.

ABSTRACT: This article provides pedagogical strategies for using the international digital sign language dictionary *Spread the Sign* (STS) for sign language teaching. This study focused on the Brazilian Sign Language (Libras) as first or second language and Portuguese Language (PL) as a second language. This is a descriptive bibliographic study, which presents the STS dictionary, its interfaces (mobile and desktop versions) and the main Brazilian publications on the theme within the pedagogical context. As bibliographic research points to insignificant Brazilian scientific production on the use of STS in the educational context, we present a proposal to use it as a pedagogical instrument. The article highlights the potential of STS as a tool for teaching and learning sign languages, Libras in particular, PL and other foreign sign languages, using the digital dictionary whether in Middle and High School or Higher Education.

KEYWORDS: *Spread the Sign*. Sign Languages. Pedagogical instrument. Language teaching and learning.

* Doutora em Educação, Universidade Federal de Pelotas. ORCID: [0000-0001-5048-8444](https://orcid.org/0000-0001-5048-8444). E-mail: [angelanediane\(AT\)gmail.com](mailto:angelanediane(AT)gmail.com).

** Doutora em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal de Pelotas. ORCID: [0000-0003-0586-349X](https://orcid.org/0000-0003-0586-349X). E-mail: [tblebedeff\(AT\)gmail.com](mailto:tblebedeff(AT)gmail.com).

*** Doutor em Informática na Educação, Universidade de Caxias do Sul. ORCID: [0000-0002-3526-9195](https://orcid.org/0000-0002-3526-9195). E-mail: [correaygorprof\(AT\)gmail.com](mailto:correaygorprof(AT)gmail.com).

1 Introdução

O presente artigo apresenta o dicionário digital internacional de línguas de sinais *Spread the Sign (STS)*¹, enquanto um instrumento pedagógico para o ensino e a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira (L1) ou segunda língua (L2) e da Língua Portuguesa (LP) como segunda língua. A partir do levantamento bibliográfico observou-se pouca exploração e utilização de recursos digitais tecnológicos voltados ao público surdo e ouvinte que tratem da aprendizagem de línguas de sinais (CORRÊA; CRUZ, 2019b). Dessa forma, este estudo visa pela refletir sobre a inserção de conteúdo digital nos processos educativos bilíngues na Educação Básica ou Superior.

A base teórico-epistemológica deste estudo está vinculada à Linguística Aplicada. Desse modo, compreende-se, a partir de Rajagopalan (2003, p. 7), que é preciso convencer as pessoas de que “vale a pena investir no estudo da linguagem e de que pensar sobre a linguagem implica, em última análise, indagar, de um lado, sobre a própria natureza humana e do outro, sobre a questão da cidadania”. Essa inferência se faz relevante, uma vez que se está concebendo a adoção de um recurso digital como instrumento contemporâneo e compatível com a cultura surda. Não obstante, ao referir-se à Linguística Aplicada, Rajagopalan (2003, p. 12) afirma que “quando me refiro a uma linguística crítica, quero, antes de mais nada, me referir a uma linguística voltada para questões práticas”. No caso deste estudo, a questão prática, analisada de modo crítico, é a postulação de que, por meio de uma tomada de consciência a partir da adoção e utilização de um dicionário digital gratuito, como o STS, seja possível concebê-lo como um instrumento pedagógico que pode potencializar aspectos linguísticos em processos educacionais bilíngues, tornando-os mais significativos para seus falantes/sinalizantes.

Metodologicamente, este é um estudo de cunho bibliográfico e descritivo, no qual apresenta-se uma revisão de literatura (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013) sobre publicações brasileiras a respeito do STS, assim como uma descrição sobre a plataforma, sua usabilidade e informações disponíveis no *site* do próprio dicionário digital, com vistas a propor sua possível utilização em contexto educacional para o ensino de Libras como L1 e L2. A literatura adotada para propor o uso do STS como instrumento pedagógico baseia-se nas argumentações de

¹ Traduzido para a Língua Portuguesa significa “Espalhe o Sinal” (tradução nossa). Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/pt.br>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Lacerda (1998) e Peluso e Lodi (2015), sob o entendimento de que é necessário oferecer aos surdos recursos e práticas pedagógicas sustentadas na visualidade linguística. Além disso, adotou-se a literatura acerca do uso de tecnologias digitais e conteúdo digital direcionado ao público surdo, especialmente a partir de Corrêa e Cruz (2019a), Rangel e Stumpf (2015) e Kelman (2015), quanto à inserção em sala de aula bilíngue, Libras e Língua Portuguesa. Acredita-se que tais postulações embasam o argumento de que o STS pode ser uma ferramenta digital, usada enquanto dicionário, para o ensino e a aprendizagem de línguas de sinais, em especial a Libras, além da Língua Portuguesa e outras línguas de sinais estrangeiras. Sobre o uso de dicionários no ensino de línguas, propõe-se um diálogo com Leffa (2006) e Coura Sobrinho (2000). Além disso, a partir da discussão de Höfling, Silva e Tosqui (2006), apresenta-se uma proposta de uso do STS como recurso digital pedagógico sob 04 perspectivas de utilização em sala de aula para fins de ensino e aprendizagem de línguas. A seguir, apresenta-se como é entendido o papel da visualidade linguística na Língua Brasileira de Sinais.

2 Língua Brasileira de Sinais: uma discussão sobre visualidade linguística

Este artigo tem como premissa a compreensão da surdez por um viés cultural, linguístico e identitário. Para tanto, busca-se a definição de “ser surdo” em autores surdos, como Perlin e Miranda (2003), que compreendem a condição de “ser surdo” como experiência visual. Isso significa a utilização da visão, sob a perspectiva de uma substituição total à audição, “[d]esta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico” (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 218).

De acordo com Peluso e Lodi (2015), não se pode banalizar a visualidade dos surdos, pois não é algo que se pode ensinar. A visualidade, para os autores, é uma maneira de estar no mundo, a qual está, fundamentalmente, determinada pela língua e pelo discurso. Os autores salientam que a concepção de que os surdos organizam o mundo de modo linguístico e enunciativo no plano visual possibilita considerar, também, que a visualidade não lhes é externa, mas sim constitutiva de sua subjetividade e da forma como organizam sua realidade. Tendo em vista a presença de uma língua diferente, Lacerda (1998) aponta para a necessidade de uma educação que pense no ensino de duas línguas: a língua de sinais e, secundariamente, a língua

do grupo ouvinte majoritário, que no contexto deste estudo, é composto por falantes de Língua Portuguesa como primeira língua.

Ainda na perspectiva de Lacerda (1998), se a criança surda é exposta o mais cedo possível à língua de sinais, ela aprende a sinalizar tão rapidamente quanto as crianças ouvintes aprendem a falar. Ao sinalizar, a criança desenvolve sua capacidade e sua competência linguística numa língua que lhe servirá, depois, para aprender a língua do grupo majoritário como segunda língua, tornando-se bilíngue, numa modalidade de bilinguismo sucessivo. Essa situação de bilinguismo, adverte Lacerda (1998), não é como aquela de crianças cujos pais falam duas línguas diferentes, porque, nesses casos, elas aprendem as duas línguas usando o canal auditivo e fono-articulatório. No caso das crianças surdas, trata-se da aprendizagem de duas línguas que envolvem canais diferentes de recepção e produção linguística. Essas diferenças de canais de recepção e produção linguística são explicadas por Harrison (2011). Para a autora, quando se usa a fala, um complexo sistema de órgãos e funções entra em ação:

[...] lábios, língua, dentes, nariz (para articular as palavras), a laringe (para produzir a voz) e os pulmões, que produzem o ar que passa pela laringe e depois pela boca, e finalmente as palavras se deslocam pelo ar, para chegar aos nossos ouvidos, onde as escutamos e compreendemos. Além disso, os sons da fala (os fonemas) são produzidos um depois do outro, pois é impossível anatomicamente produzir dois sons ao mesmo tempo. Por essa razão dizemos que a fala é produzida sequencialmente no tempo. (HARRISON, 2011, p. 57)

Já as línguas de sinais, comenta a autora, são produzidas por movimentos das mãos, do corpo e por expressões faciais em um espaço à frente do corpo, chamado de espaço de sinalização. A recepção da sinalização ocorre pela visão, de modo que as línguas de sinais são chamadas de viso-espaciais ou espaço-visuais (HARRISON, 2011). A autora sustenta que a língua de sinais é a língua “natural dos surdos” e, nessa discussão sobre “língua natural”, explica que o termo “natural” designa a característica das línguas orais e sinalizadas utilizadas pelos seres humanos em suas diversas interações sociais, e se diferencia do que se chama de “linguagem formal”, ou seja, as linguagens construídas pelo ser humano, como as linguagens de programação de computador ou a linguagem matemática. Desse modo, a autora afirma o *status* da língua de sinais como “língua natural” dos surdos.

Outro fator utilizado pela autora para explicitar a característica natural das línguas de sinais é o resultado dos estudos sobre a organização cerebral dessas línguas. Harrison (2011) cita os estudos desenvolvidos no Laboratório de Neurociências Cognitivas da Universidade da Califórnia, realizados com surdos com lesões cerebrais. Esses estudos estabeleceram que, muito embora as línguas de sinais sejam articuladas por movimentos manuais no espaço, o que para ouvintes é algo percebido pelo hemisfério direito do cérebro, “esses movimentos são percebidos pelo hemisfério esquerdo das pessoas surdas que usam língua de sinais, justamente, porque eles são entendidos como língua, e não como gesticulação ou movimento corporal aleatório” (HARRISON, 2011, p. 55). As diferenças nos canais de produção e de recepção linguística derivam em diferentes papéis que as línguas assumem na educação bilíngue dos surdos. Para o Relatório sobre a Política Linguística da Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (MEC, 2014), a Língua de Sinais é a L1 dos estudantes surdos, enquanto:

[...] a Língua Portuguesa assume o papel de segunda língua (L2) em uma segunda modalidade (M2) para os surdos, ou seja, além de ensinar uma segunda língua utilizando metodologia específica para o seu ensino, o ensino de línguas com modalidades diferentes (visual-espacial e oral-auditiva) exige desenvolver metodologia para o ensino na segunda modalidade. Na educação, portanto, a Língua Portuguesa será ensinada nesta qualidade. (MEC, 2014, p. 11)

Com relação à visualidade dos surdos, que traça um percurso linguístico e cultural, Santos (2020) argumenta que, ao assumir-se a perspectiva da visualidade como constitutiva da língua de sinais, e esta, por sua vez, constitutiva do sujeito usuário de Libras, há a demanda da escola por “iniciativas que possam prover condições visuais eficientes para educação de surdos, tanto em ambiente bilíngue quanto inclusivo” (p. 15). Para o autor, é necessário considerar a importância da visualidade como forma de respeitar os aspectos culturais dos sujeitos surdos, proporcionando a eles, em seu contexto educacional, práticas e recursos didáticos que utilizem e explorem vivências visuais.

Nesse sentido, Peluso e Lodi (2015) chamam a atenção para a materialidade visual e espacial constitutiva das línguas de sinais e a intrínseca relação existente entre língua e cultura(s), ou seja, como escreve Santos (2020, p.80), “o surdo não é visual, a Língua de Sinais

é”. A visualidade das línguas de sinais, segundo o autor, que se materializa na própria combinação de movimentos, pontos de articulação, configuração de mãos, delimitações espaciais e expressões faciais, possibilita a exploração de outros recursos visuais.

Contemporaneamente, as línguas de sinais têm sido potencializadas na cultura digital de uma sociedade em rede (CASTELLS, 1999) em que o uso de recursos digitais e de componentes de audiovisual contemplam as visualidades, as quais são inerentes a essas línguas. Para tanto, no decorrer deste artigo, será apresentado o projeto *Spread The Sign – STS*, que desenvolve um dicionário internacional digital de Línguas de Sinais, na perspectiva de que esse dicionário pode ser um importante recurso visual por privilegiar a concepção de primeira língua (L1) e primeira modalidade (M1) (MEC, 2014) das línguas de sinais para usuários nativos.

3 Dicionário Digital Internacional *Spread the Sign*

Esta seção apresenta o projeto STS que, traduzido para a Língua Portuguesa significa Espalhe o Sinal² e, teve início em 2006, com financiamento da Comissão Europeia, sendo gerenciado, desde 2009, pelo *European Sign Language Center – ESLC*, uma organização não governamental e sem fins lucrativos³. No âmbito europeu, o projeto, de acordo com Coelho (2012), visa responder a uma série de necessidades, tanto das comunidades surdas quanto de ouvintes, especificamente, em relação ao “trabalho em educação e formação (nomeadamente em escolas, onde se recorre com muita frequência ao uso pedagógico do *site* e do seu conteúdo em contexto de sala de aula), saúde, justiça e outros serviços” (p. 220).

Atualmente, o STS é um dicionário digital que torna acessíveis línguas de sinais de diversos países do mundo. Neste momento, o projeto designa-se *Spread the Sign 360* e tem 14 equipes financiadas pela Comissão Europeia. Além da Europa, o projeto tem se expandido para outros continentes, o que resulta, segundo o *site* do STS, em um total de 41 línguas de sinais participantes. Conforme o ESLC, até o momento, já foram inseridos mais de 420.000 sinais de diferentes línguas de sinais na base de dados do STS. Cabe destacar que todas as equipes

² Tradução nossa.

³ Informações do *European Sign Language Center – ESLC*, disponíveis em: www.signlanguage.eu/en/. Acesso em: 16 abr. 2020.

seguem regras comuns de cenarização e edição dos vídeos⁴, sendo todos gravados com a participação de humanos (atores), no intuito de padronizá-los.

No Brasil, o projeto iniciou em 2013, com uma parceria entre a Universidade Federal Fluminense (UFF) e o Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, ambos situados em Niterói/RJ, conforme relata Azevedo (2013). Entretanto, desde 2016, é coordenado pelo Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos – GIPES (CRUZ; GOETTERT; NOGUEIRA, 2017), sendo dividido em três equipes: (1) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), (2) Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e (3) Universidade Federal Fluminense (UFF).

O STS pode ser acessado, digitalmente, por duas interfaces: *desktop* e *mobile*. A primeira disponibiliza a pesquisa por sinais de diferentes línguas de sinais de todo o mundo. É possível escolher o idioma que se quer utilizar como fonte de pesquisa e para qual língua de sinais se quer que a tradução seja feita. A consulta é realizada apenas pela língua escrita. Entretanto, essa forma de entrada privilegia a língua oral. E como o dicionário se destina tanto para ouvintes como para surdos, para os últimos, esse tipo de entrada dificulta seu acesso, tendo em vista que para eles a língua escrita, geralmente, é sua segunda língua. Conforme Domfors e Fredäng (2008, p. 13), “sua versão atual demanda a habilidade de usar língua escrita corretamente. Por outro lado, a versão escrita é necessária no STS sim, para usuários ouvintes”. Os autores ponderam que para pessoas surdas usuárias de línguas de sinais “seria útil a realização de um *input* de um sinal via *webcam* e o STS realizaria a busca do sinal correto” (DOMFORS; FREDÄNG, 2008, p. 13), situação em que, por meio de audiovisual, um sistema informatizado capturaria os movimentos da sinalização do surdo, de modo a convertê-la em conteúdo gráfico para que o sistema localize de modo automatizado, no repositório de sinais do STS, um determinado sinal, enquanto resultado. Os autores afirmam que “outra possibilidade seria a organização dos sinais por configuração de mão – similarmente ao alfabeto que é usado para organizar o registro escrito” (DOMFORS; FREDÄNG, 2008, p. 13). Cabe destacar que já existem dicionários que contemplam mais de uma entrada, como o dicionário neozelandês⁵ de língua de sinais. Nele, é possível pesquisar tanto pela língua escrita quanto

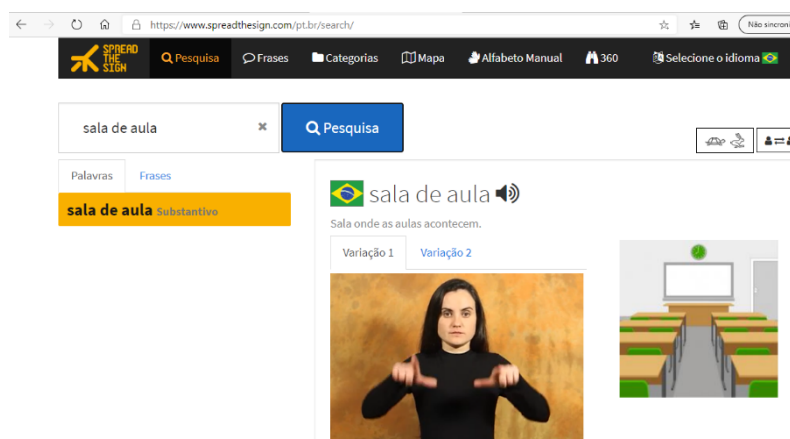
⁴ Todas as equipes recebem do projeto STS um fundo fotográfico de cor alaranjada, bem como instruções para a filmagem e edição dos vídeos de modo a padronizá-los visualmente.

⁵ Disponível em: <https://www.nzsl.nz/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

pela língua de sinais, através da busca pelas configurações das mãos e do ponto de articulação, os quais podem ser combinados com o tema e a usabilidade do sinal.

O *site* do STS oferece a busca por palavras isoladas, frases e categorias. Além do sinal e suas variações, em caso de terem sido registradas, é apresentada, para a maioria das palavras, uma imagem que corresponde ao sinal, bem como uma descrição escrita do significado da palavra. Também é possível ouvir a palavra, ao clicar o ícone do som (Figura 1).

Figura 1: Pesquisa no *site* do *Spread the Sign*



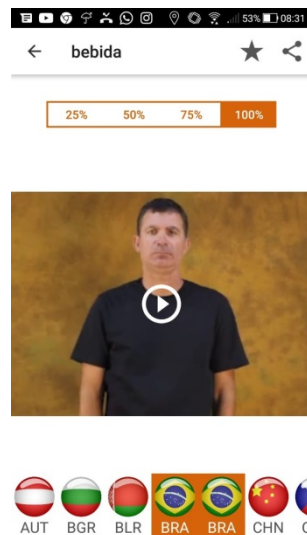
Fonte: Interface da pesquisa de um sinal em Libras no *site* *Spread the Sign*.

Além da pesquisa por sinais, o *site* oferece outras funcionalidades e informações. Há a opção de mudar a velocidade dos vídeos, bem como a de ver sinais de duas línguas lado a lado. É possível conhecer os diferentes alfabetos manuais que compõem o dicionário, ou acessar um mapa em que se pode visualizar os sinais referentes às localidades marcadas. Também são disponibilizadas informações sobre o projeto, os financiamentos e as equipes que o compõem, entre outros.

Apesar de não haver nenhuma referência no *site* do STS, existe um aplicativo gratuito disponível para Android e iPhone, o *Spread Signs*. Ao acessar o aplicativo, é preciso selecionar uma língua de entrada; então, é possível escrever alguma palavra, e, em seguida, há a possibilidade de ver os sinais das diferentes línguas de sinais correspondentes àquela palavra. No aplicativo, não aparece nenhuma imagem correspondente à palavra nem a descrição do seu significado. A escolha tanto da língua de sinais quanto da língua escrita se dá através da imagem da bandeira do país. Pelo aplicativo, é possível compartilhar o sinal através do ícone

compartilhar, que envia um *link* que direciona para o vídeo daquele sinal no *site* do STS. Quando há variação do sinal, ela é indicada através do acréscimo de bandeiras do mesmo país, conforme a Figura 2, em que aparecem duas bandeiras do Brasil, indicando que há duas variações para aquela palavra:

Figura 2: Pesquisa no aplicativo *Spread Signs*



Fonte: Interface da pesquisa de um sinal em Libras no aplicativo *Spread Signs*.

Entretanto, apesar de apresentar a possibilidade de diminuir ou aumentar a velocidade da sinalização, da mesma forma que aparece no *site*, ao clicar nessa opção, aparece uma mensagem pedindo ajuda através da compra do aplicativo, a qual possibilitará ao usuário “compartilhar, salvar seus favoritos, usar a câmera lenta (*Slow motion*), consultar o alfabeto manual e os nossos sinais infantis com ilustrações” (STS, 2018, s./p.). Chamam a atenção, nesta mensagem, duas frases: “O dicionário de língua de sinais ainda será gratuito!” (STS, 2018, s./p.), a qual indica que em algum momento será preciso adquirir o aplicativo; e “Nós estamos migrando do dicionário para o aprendizado móvel” (STS, 2018, s./p.), que anuncia uma mudança no formato e objetivo do STS. A mesma mensagem aparece no aplicativo quando o usuário clica nas abas: Alfabeto Manual, Favoritos e BabySigns. Infere-se que o *site* apresenta mais informações e funcionalidades do que o aplicativo que, quando gratuito, possibilita apenas a tradução de palavras isoladas.

4 Publicações Científicas sobre o STS no Brasil

Esta seção destina-se a apresentar uma breve revisão de literatura (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013) acerca de publicações que foram encontradas nas plataformas de base de dados Google Acadêmico, Scielo e Portal de Periódicos da Capes, bem como quando da consulta a livros, revistas e anais de eventos acerca do STS no Brasil. A consulta às bases de dados teve como delimitação o período de 2013 a 2020, tendo como palavras-chave *Spread the Sign*, dicionário, línguas de sinais, Libras e tradução, o que revelou qualitativamente uma parcela dos artigos encontrados. As publicações em questão abordam uma apresentação do projeto, explicitam a metodologia seguida pelas equipes, versam sobre especificidades da tradução das três línguas envolvidas (inglês, português e Libras), refletem sobre as interferências culturais sofridas no processo de tradução, além de discutirem sobre as novas tecnologias e o seu impacto na disseminação dos sinais.

Quadro 1: Sequência metodológica das equipes brasileiras do STS

(1) tradução das listas de palavras e sentenças em Inglês para o Português Brasileiro (PB), a ser feita pela equipe brasileira composta por: professores-pesquisadores, doutorandos, mestrandos, tradutores-intérpretes de Libras e graduandos usuários de Libras, PB e Inglês (surdos e ouvintes);
(2) após as traduções da lista em Inglês para PB, é realizada a verificação da dicionarização da Libras e de variantes lexicais dos sinais, pois sinais variantes podem ser inclusos no dicionário. Nesta etapa, uma rede de colaboração de voluntários surdos e usuários de Libras, que atuam em universidades com o ensino ou tradução da Libras ou de surdos usuários da Libras, vinculados às associações ou federação de surdos, serão convidados a participar e colaborar no registro e documentação dos sinais;
(3) filmagens dos sinais e sentenças em Libras;
(4) verificação da qualidade das filmagens (reunião coletiva);
(5) refilmagem dos sinais e sentenças, quando necessário;
(6) edição das filmagens conforme guia disponibilizado pelo Projeto Spread the Sign;
(7) envio das filmagens para postagem na página spreadthesign.com, na área do administrador do projeto Spread the Sign-Brasil.

Fonte: Santos, Pereira e Lebedeff (2019, p. 182).

No âmbito brasileiro, o projeto tem como objetivo principal realizar o mapeamento e registro de sinais, inserindo a Libras no STS. Em termos de metodologia, Cruz, Goettert, Nogueira (2017) relatam que, a partir discussões, foi criada uma sequência operacional de atividades, no intuito de padronizar as ações realizadas pelas equipes nas diferentes universidades (UFRGS, UFPel e UFF), conforme apresenta-se no Quadro 1.

Cruz, Goettert e Nogueira (2017) afirmam que o trabalho desenvolvido pelo STS-Brasil objetiva “que o complexo processo de tradução de definições, busca de equivalentes em três línguas (inglês, português brasileiro e Libras) e registro em Libras e PB escrito ocorra com alta qualidade” (p. 201). Ao considerar esta complexidade linguística e cultural, a equipe de Portugal também se manifestou, explicitando que: “É este o primeiro desafio com que nos deparamos: ter em conta três línguas diferentes – inglês (LI), português (LP) e LGP – e, conseqüentemente, três culturas diferentes” (BETTENCOURT *et al.*, 2013, p. 22).

Ainda sobre a questão da complexidade do processo de tradução, destacam-se dois trabalhos brasileiros. O primeiro aponta para a necessidade de a Libras ser levada em consideração em todos os processos, não apenas no momento da tradução de Língua Portuguesa para a Libras mas também na tradução do inglês para o português: “Dessa forma, os sinais, que são a ponta final de todo o trabalho, precisam ser levados em conta durante o processo de tradução do inglês para o português” (SILVA, 2018, p. 31). O segundo trabalho apresenta uma reflexão sobre o processo das escolhas tradutórias, “problematizando os atravessamentos culturais presentes no processo tradutório entre as línguas orais, tendo como língua alvo a língua de sinais” (VIANA; SANTOS; LEBEDEFF, 2017, p. 1), a partir da análise de alguns termos que apresentam um viés cultural determinante para a sua tradução.

Em outro artigo, são apresentadas especificidades dos objetivos do desenvolvimento do projeto STS no Brasil. O primeiro objetivo é “(a) A disponibilização da Libras no Spread the Sign, para facilitação do aprendizado da língua brasileira de sinais e promoção da identidade linguística da comunidade surda;” (SANTOS; PEREIRA; LEBEDEFF, 2019, p. 181), que trata da inserção da Libras em um dicionário. O segundo, “(b) A disponibilização de um dicionário *online* (STS-Brasil), para a garantia de um material de consulta na educação escolar bilíngue de pessoas surdas, favorecendo ao máximo o desenvolvimento acadêmico e social de pessoas surdas” (SANTOS; PEREIRA; LEBEDEFF, 2019, p. 181), dispõe sobre o objetivo de contribuir com

a educação de alunos surdos. O terceiro objetivo é “(c) A contribuição para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística, através do mapeamento caracterização e documentação da pluralidade linguística no Brasil;” (SANTOS; PEREIRA; LEBEDEFF, 2019, p. 181), no sentido de possibilitar o registro da Libras. E, por último, “(d) Fomentar pesquisas no âmbito da educação e dos estudos linguísticos sobre o processo de registro, documentação, uso e divulgação da Libras no STS” (SANTOS; PEREIRA; LEBEDEFF, 2019, p. 181).

Percebe-se que os objetivos do projeto, a longo prazo, extrapolam o “simples” registro de uma língua em um dicionário, mas pretendem contribuir com a educação de surdos e com os estudos linguísticos das línguas de sinais no Brasil. As autoras destacam, ainda, que um dos desafios do desenvolvimento do projeto no Brasil é o registro das variações linguísticas no contexto brasileiro, tendo em vista as dimensões continentais do país. Nesse sentido, elas argumentam que “há a necessidade de uma escolha lexical que representa uma Língua que é utilizada na maioria dos estados brasileiros” (SANTOS; PEREIRA; LEBEDEFF, 2019, p. 186). Por esse motivo, “o grupo preocupa-se em fazer o registro das variantes mais utilizadas e para isso conta-se com um grupo de “reconhecimento” das variantes que serão enviadas à plataforma” (SANTOS; PEREIRA; LEBEDEFF, 2019, p. 186). Além dos objetivos e desafios do STS no Brasil, também são tecidas algumas críticas, especialmente considerando o funcionamento do projeto em âmbito internacional. Segundo elas, tais limitações se dão na produção, no uso e no formato, as quais são apontadas pelas autoras:

a) os sinais carecem de descrição em Línguas de Sinais; b) a consulta e busca é feita a partir de entrada de língua escrita e não por parâmetros das Línguas de Sinais, como, por exemplo, a configuração de mão; c) as variações não apresentam informações sobre a origem do sinal, por exemplo, em qual região do Brasil um dado sinal é usado, como aparece no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (CAPOVILLA *et al.*, 2017); d) existem limites que um aplicativo no celular apresenta; com relação ao uso do *SpreadTheSign* como aplicativo no celular, existem limites inerentes à natureza do objetivo do usuário. (SANTOS; PEREIRA; LEBEDEFF, 2019, p. 187)

Após essa breve revisão das publicações já realizadas no Brasil referentes ao projeto STS, passamos a tratar das possibilidades de uso do STS como instrumento pedagógico.

4.1 STS como Instrumento Pedagógico

Em relação ao uso do STS em estratégias pedagógicas, Santos, Pereira e Lebedeff (2019, p. 180) discutem que

No âmbito da educação, o STS tem sido utilizado como instrumento pedagógico para tornar acessíveis as línguas de sinais a todos os estudantes, para busca de informações, desenvolvimento de pesquisas, consultas, comparações, documentação das línguas de sinais nacionais, entre outras possibilidades.

Entretanto, a partir da revisão de literatura explicitada acima, foram encontrados poucos documentos que tratam especificamente dos usos do STS como instrumento pedagógico. Um deles trata do uso do STS em uma escola em Niterói/RJ, a qual foi responsável, juntamente com a UFF, pelo início do desenvolvimento do projeto no Brasil. A escola, à época, era referência na inclusão de alunos surdos e realizava a experiência do uso e da produção do STS em sala de recurso, onde eram atendidos cerca de 40 alunos surdos. De acordo com a autora, pretendia-se “utilizar como recursos visuais o dicionário *spread the sign* como ferramenta pedagógica, facilitador na aprendizagem de novos verbetes e conhecimento de línguas estrangeiras” (AZEVEDO, 2013, p. 95). A leitura do artigo sugere que o STS era, ao mesmo tempo, utilizado para a aprendizagem de sinais por parte dos alunos, além de ser alimentado com sinais utilizados/criados por alunos e professores.

Outro documento, ao qual se teve acesso, foi um relatório avaliativo do projeto STS, referente ao período 2007–2008, produzido pela Universidade de Örebro, Suécia (DOMFORS; FREDÄNG, 2008⁶). Ele está disponível no *site* do STS e avalia uma experiência de intercâmbio entre escolas da Suécia, República Tcheca e Inglaterra, que aconteceu respaldada por dois projetos: Projeto Leonardo da Vinci *Spread the Sign* e Projeto Rede-YDE, Rede Europeia de Jovens Surdos e Deficientes Auditivos⁷. Conforme o relatório, a proposta da relação entre os dois projetos se deu para “mais estudantes surdos poderem obter bolsas de mobilidade na Europa com uma bolsa Leonardo e com uma língua de sinais estrangeira desenvolvida em sua

⁶ Será utilizada, neste artigo, a versão traduzida para a Língua Portuguesa, realizada por Vitória Tassara Costa Silva em 2020.

⁷ Em inglês: *Young Deaf and Hearing-Impaired European Network, YDE Network-project* (Nota da Tradutora).

bagagem intelectual para os contatos internacionais através da Rede” (DOMFORS; FREDÄNG, 2008, p. 3). O foco da avaliação se deu

[...] no uso do STS como uma ferramenta pedagógica para os alunos durante o programa de mobilidade – tanto no estágio quanto nas aulas em si. Nesse contexto, nosso principal questionamento foi: Como os alunos usavam os sinais, e como o uso do STS foi aplicado durante o programa de mobilidade. (DOMFORS; FREDÄNG, 2008, p. 4)

A avaliação apontou, entre outras coisas, que o estudo do STS e da nova língua de sinais foi feito voluntariamente pelos alunos, ou seja, não houve nenhuma preparação formal em ambiente escolar para a realização do intercâmbio. Identificou-se que, para os alunos que estudaram o STS, ele serviu para o reconhecimento de sinais nas situações de comunicação, o que acelerou o processo de aprendizado da língua. O relatório indicou que “Usar o STS pode trazer muito mais benefício se for usado na aprendizagem de uma *forma mais sistemática*, e, se possível, com a ajuda de um tutor” (DOMFORS; FREDÄNG, 2008, p. 13, grifos dos autores).

Não foi encontrado nenhum outro documento, registro, relatório ou artigo que trate do uso pedagógico do STS, nem no próprio *site* do dicionário nem nas plataformas de base de dados consultadas. Entretanto, apesar de não terem sido encontrados muitos registros de seu uso, entende-se que ele tem potencial para ser utilizado como instrumento pedagógico. Nesse sentido, são propostas, a seguir, algumas possibilidades de uso pedagógico do STS.

5 Possibilidades de Uso do STS como Ferramenta Pedagógica

Para pensar as possibilidades de uso do STS como ferramenta pedagógica, parte-se da premissa de que inserir recursos tecnológicos e conteúdos digitais, como o dicionário em questão, em sala de aula bilíngue, Libras e Língua Portuguesa, se faz algo necessário, tendo em vista a atual adesão da comunidade surda pelas tecnologias digitais (CORRÊA; CRUZ, 2019a).

A obra intitulada *Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais*, organizada por Corrêa e Cruz (2019a), apresenta um conjunto de pesquisas da área da Educação, Linguística Aplicada, Informática na Educação e *Design*, as quais revelam que as tecnologias digitais têm potencializado o desenvolvimento linguístico, sociocultural e político dos surdos. A obra citada contou com a participação de pesquisadores surdos e ouvintes e se voltou para temas como (i)

documentação das línguas de sinais; (ii) redes sociais (Libras e Língua Portuguesa); (iii) diretrizes de projetos de recursos educacionais digitais; (iv) ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) para surdos; (v) design de recursos digitais para leitura em Libras e (vi) estudo da qualidade da tradução de Língua Portuguesa para Libras, feita por *softwares* de tradução automática.

Do ponto de vista linguístico e educacional, infere-se que a inserção de recursos tecnológicos possibilita a construção de processos reflexivos quanto à Libras como língua natural, assim como sua consolidação e valorização por meio do sentimento de pertença à comunidade surda brasileira (RANGEL; STUMPF, 2015; SILVA, 2015; SOARES, 2015; KELMAN, 2015). Ao fazer referência a um cotidiano escolar bilíngue para surdos, Silva (2015) afirma que as tecnologias digitais podem fomentar processos educativo-tecnológicos em que a leitura e a ludicidade podem enriquecer a aprendizagem dos alunos surdos. Ainda nesse horizonte, cabe ressaltar que, em tempos de dispositivos móveis, tais como, *notebooks*, *netbooks*, *tablets* e *smartphones*, a UNESCO (2014) evidencia que o conceito de aprendizagem móvel é aquele que contempla o uso de recursos móveis, adotados de modo isolado ou combinado, com outros conteúdos digitais direcionados à informação e à comunicação. Para a UNESCO (2014), tal uso e ou combinação de recursos tende a consolidar processos de aprendizagem tecnológicos e criativos, aspecto que, conforme mencionado, está elencado pelo projeto STS em se tratando de aprendizagem móvel, ou seja, ubíqua.

Para tratar especificadamente sobre as possibilidades de uso do STS enquanto recurso de conteúdo digital e como ferramenta pedagógica, considera-se imprescindível abordar a importância do uso de dicionários no contexto do ensino de línguas. Desse modo, entende-se que o STS pode ser utilizado como dicionário bilíngue tanto por surdos como por ouvintes na relação Libras – Português. Infelizmente, como já comentado, a única entrada para o STS, até o momento, é pela escrita da língua oral do país selecionado, o que não permite entrar com parâmetros da língua de sinais (configuração de mãos, por exemplo), mesmo assim, há inúmeras possibilidades de uso da plataforma que podem ser exploradas pelos professores, assim como ocorre com dicionários bilíngues de línguas orais.

De acordo com Vázquez (2010, p. 110), “o dicionário parece cobrir inúmeras necessidades no processo da aprendizagem do aluno”, tais como leitura, escrita, compreensão, expressão, tradução, entre outras. E, para além disso, segundo o autor, o dicionário é um

elemento divulgador de cultura, seja o dicionário monolíngue, seja o bilíngue. Nesse sentido, cabe ressaltar que o STS permite, por exemplo, que na consulta dos sinais em Libras sejam observadas as variações linguísticas dentro do Brasil. Além disso, por ser um dicionário multilíngue, permite aos usuários conhecer diferentes línguas de sinais do mundo, funcionando como um divulgador cultural dessas línguas. O uso de dicionário em sala de aula também é enfatizado por Coura Sobrinho (2000), justificando ser uma ferramenta importante no desenvolvimento do aprendiz na e fora da sala de aula. O autor salienta a relação existente entre uso de dicionário e a autonomia. Para ele, o estudante que fizer bom uso de um dicionário estará apto a continuar aprendendo fora do ambiente escolar.

Uma das vantagens do STS é o fato de estar disponível, tanto para computadores de mesa como para uso em dispositivos móveis. Leffa (2006) comenta vários estudos já conduzidos, comparando o dicionário eletrônico com o dicionário impresso em papel, geralmente com vantagens para o dicionário eletrônico, que, em várias situações, pode levar o leitor a compreender mais em menos tempo. O autor chama a atenção para a diferença mais dramática, que tem a ver com o acesso ao verbete desejado. Na situação tradicional, considerando o texto impresso em papel, há uma interrupção considerável no processo da leitura quando é necessário consultar o dicionário. Leffa (2006, p. 324) defende que “basicamente precisa abandonar o texto que está lendo e se transportar para um outro texto, o dicionário, e folhear inúmeras páginas até encontrar o verbete que procura”. Já no dicionário eletrônico, a consulta ganha uma velocidade admirável em poucos cliques de mouse. O uso do dicionário, de acordo com Leffa (2006), pode facilitar a compreensão de um texto em língua estrangeira antes da competência linguística. O autor infere, ainda, que o uso do dicionário eletrônico com leitores surdos sugere “seu potencial em textos multimidiáticos (LEFFA, 2006, p. 337)”. Ou seja, a possibilidade de incluir animações, som e vídeo abre novas perspectivas para a lexicografia pedagógica. Os consulentes do STS acessam a língua de sinais através de vídeos, o que é uma vantagem em relação aos dicionários de línguas de sinais impressos e, além disso, é possível encontrar exemplos de uso em frases e, inclusive, a imagem do verbete consultado e o seu significado.

Höfling, Silva e Tosqui (2006) apresentam sugestões de estratégias a serem desenvolvidas pelo professor com o objetivo de ensino de Língua Estrangeira, utilizando o

dicionário como apoio. Algumas dessas estratégias se aplicam ao uso do STS, que serão apresentadas, de forma adaptada, a seguir: (a) *Leitura e interpretação de texto* (Português como L2): estimular a leitura com aprofundamento do assunto e possibilitar ao aprendiz resolver as dificuldades de compreensão com o dicionário; (b) *Desenvolvimento de vocabulário* (Português como L2 e Libras como L1 e L2) a partir das seguintes estratégias: b.1) trabalhar com redes semânticas – buscar, nos textos, as relações entre os termos e verificar as semelhanças e distinções referentes à língua materna, utilizando o dicionário sempre que faltar o equivalente adequado; b.2) relacionar os elementos sinônimos e antônimos; b.3) verificar a parte morfológica da língua – fornecer elementos que facilitem a compreensão de palavras, mesmo que estas não estejam na nomenclatura do dicionário; (c) *Pronúncia* (Libras como L1 e L2) – no caso da pronúncia, aqui traduzida para sinalização, estudantes de Libras, tanto como L1 como L2, beneficiam-se sobremaneira com a estrutura de vídeos e a possibilidade de modular a velocidade destes; (d) *O uso de língua* (Libras como L1 e L2): d.1) identificar os aspectos culturais e contrastá-los com a cultura de origem dos alunos, analisando as variações linguísticas disponíveis no STS; d.2) simular situações específicas de comunicação em dupla ou em grupo e incentivar o uso do dicionário para codificação, entre outras possibilidades. Nesse sentido, a utilização do STS como instrumento pedagógico pode contribuir para a ampliação do arcabouço linguístico dos alunos, surdos ou ouvintes, bem como para o reconhecimento ou, até mesmo, o estranhamento da própria língua, no caso dos surdos.

6 Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo apresentar o projeto e o produto STS bem como sugerir sua utilização pedagógica em sala de aula para as disciplinas de Libras como L1 e L2 e Português como L2. Constatou-se, pela pesquisa bibliográfica, uma inexpressiva produção científica brasileira sobre o uso do STS em contexto educacional; para tanto, entende-se que se faz necessário ampliar a produção científica no território brasileiro, com vistas a divulgar, ampliar e aprofundar aspectos sobre o STS. Relativo ao potencial do STS como ferramenta para o ensino e a aprendizagem de línguas de sinais e Língua Portuguesa em sala de aula, tendo em vista que a Libras é uma língua viso-espacial e que a possibilidade de usar o STS em dispositivos móveis, evidenciou-se que esse pode facilitar uma variedade significativa de atividades em sala de aula.

Quando do uso do STS em contexto educacional, seja na Educação Básica ou Superior, há que se considerar as condições de uso do STS, tendo em vista que a ferramenta depende de conexão com a internet. Cabe salientar a importância das condições de estrutura da instituição, especialmente a qualidade da banda larga de internet disponível. Além disso, o fato de que os dispositivos móveis dos alunos precisam ter capacidade para comportar o aplicativo. Mas, caso os estudantes não possuam dispositivos móveis que possam comportar o aplicativo, o professor pode fazer uso do computador e de projeção de *datashow* para compartilhar, entre todos, a pesquisa realizada em sala de aula. Nesse sentido, cabe ressaltar que a versão do *site* apresenta funcionalidades que não estão disponíveis no aplicativo para dispositivos móveis, o que pode limitar as ações do consulente.

Ressalta-se, ainda, que o uso do STS permite o contato com línguas de sinais de outros países, o que poderá proporcionar uma sensação de pertencimento a uma comunidade globalizada de sinalizantes. Além disso, o STS também possibilita o contato com outras línguas orais escritas, as quais podem ser analisadas e comparadas com as línguas de sinais dos seus respectivos países, o que pode ser explorado didaticamente, inclusive para o ensino de línguas estrangeiras para surdos. Cabe evidenciar que o STS representa o acesso a um léxico digital que, em muitos casos, não está disponibilizado nas escolas no formato de dicionários, seja em se tratando de material impresso ou *softwares*. Nesse sentido, o STS precisa ser concebido como um portal para um conhecimento lexicográfico inimaginável para os aprendizes de Libras, tanto como L1 quanto como L2, assim como para sinalizantes de outras línguas de sinais.

No que concerne, especificamente, ao objeto central deste estudo, ou seja, à utilização do dicionário STS enquanto instrumento pedagógico para tornar acessíveis as línguas de sinais a todos os estudantes, verificou-se que esse pode, de fato, potencializar o processo de ensino e aprendizagem sob dimensões que abrangem questões relacionadas à leitura e interpretação de texto, aspectos relativos à dimensão lexical, ou seja, reconhecimento e expansão de vocabulário. Ainda nesse horizonte, constatou-se sua aplicabilidade voltada às questões relacionadas à pronúncia, ou seja, à sinalização, haja vista o STS ser um recurso digital, que abarca a condição visual das línguas de sinais. Além disso, considerando a perspectiva do ensino e a aprendizagem, a partir da língua em uso, o STS pode ser considerado um recurso de pesquisa, análise e comparação da língua estudada. E, por fim, compreende-se que o STS acaba

por, de certa forma, possibilitar a documentação das línguas de sinais que ele disponibiliza para seus usuários, constituindo, assim, um inventário documental de línguas de sinais sob a ótica de diferentes *corpora*.

Referências

AZEVEDO, Renata Rodrigues de. Dicionário On Line Spread the Sign digital para a educação: Integração internacional de um recurso para surdos. **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**, v. 1, n. 2, p. 88-104, ago.-dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.32888/cge.v1i3.12644>

BETTENCOURT, Fernanda; PINHO, Sara; SOUSA, Sara; COELHO, Orquídea. Trabalho cooperativo de investigadores surdos e ouvintes – Projetos Spread the Sign e PLACES. **Revista Arqueiro**, Instituto Nacional de Educação de Surdos, n. 27, p. 20-27, jan.-jun. 2013.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COELHO, Orquídea. Surdos estudam e investigam na Universidade do Porto: contributos para a reflexão sobre a universidade inclusiva no âmbito da surdez. *In*: LOPES, Amélia; FREITAS, António; PIZZI, Laura; CAVALCANTE, Maria; FREITAS, Marinaide; NEIZA, Fumes (Org.). **Formação docente em contextos de mudanças**. Maceió: Edufal, 2012. p. 195-226.

CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (Org.). **Língua Brasileira de Sinais e tecnologias digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019a.

CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello. Aplicativos de Tradução Automática Português-Libras: o que revelam as pesquisas científicas brasileiras? *In*: CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (Org.). **Língua Brasileira de Sinais e tecnologias digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019b. p. 107-123.

COURA SOBRINHO, Jerônimo. Uso do dicionário configurando estratégia de aprendizagem de vocabulário. *In*: LEFFA, Vilson J. (Org.). **As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas**. Pelotas: Educat, 2000.

CRUZ, Carina Rebello; GOETTERT, Nelson; NOGUEIRA, Tiago Coimbra. Spread the Sign – Brasil: experiências no registro da Língua de Sinais Brasileira. *In*: OLIVEIRA, Gilvan Müller de; RODRIGUES, Luana Ferreira (Org.). **Atas do VIII Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina e Associação de Universidades Grupo Montevideu – Núcleo Educação para a Integração, 2017.

DOMFORS, Lars-Åke; FREDÄNG, Paivi. **Spread the Sign 2007-2008: a project evaluation**. Örebro University, Department of Education, 2008. Tradução: Vitória Tassara Costa Silva, 2020. Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/about/4/erasmus/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

HARRISON, Kathryn Marie Pacheco. Língua brasileira de sinais (Libras): apresentando a língua e suas características. *In*: LACERDA, Cristina Broglio Feitosa de (Org.). **Língua brasileira de sinais – Libras uma introdução**. São Carlos: UFSCAR, 2011. Disponível em: http://audiovisual.uab.ufscar.br/impresso/2016/PE/Pe_libras.pdf. Acesso em: 07 jul. 2020.

HÖFLING, Camila; SILVA, Maria Cristina Parreira da; TOSQUI, Patrícia. Técnicas de utilização de dicionário como material didático na aula de LE para fins específicos. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 51-64, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982006000100004>

KELMAN, Celeste Azulay. Multiculturalismo e surdez: respeito às culturas minoritárias. *In*: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulalia (Org.). **Letramento, bilinguismo e Educação de Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2015.

LACERDA, Cristina B. F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 19, n. 46, p. 68-80, set. 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000300007>

LEFFA, Vilson José. O dicionário eletrônico na construção do sentido em língua estrangeira. **Cadernos de Tradução**. v. 2, n. 18, p. 319-34, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). **Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013, contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**, Brasília: MEC/SECADI, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513>. Acesso em: 10 jul. 2020.

PELUSO, Leonardo; LODI, Ana Claudia Balieiro. La experiencia visual de los sordos. Consideraciones políticas, lingüísticas y epistemológicas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 59-81, dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-7307201507803>

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RANGEL, Giseli Maciel Monteiro; STUMPF, Marianne Rossi. A pedagogia da diferença para o surdo. *In*: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulália (Org.). **Letramento, bilinguismo e Educação de Surdos**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Angela Nediane dos; PEREIRA, Karina Ávila; LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Novas tecnologias e suas contribuições para o registro e a divulgação das línguas de sinais: uma

discussão sobre o projeto SpreadTheSign no Brasil. *In*: CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (orgs.). **Língua Brasileira de Sinais e tecnologias digitais**. Porto Alegre: Penso, 2019, p. 175-188.

SANTOS, Otávio Costa. **Uma ideia na mão e uma câmera na cabeça**: cinema na educação bilíngue de surdos e surdas. 2020. 166 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCAR, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://url.gratis/C6y87>. Acesso em: 01 ago. 2020.

SILVA, Vitória Tassara Costa. **Tradução do tema “ambiente escolar” no âmbito do Projeto Spread the Sign do inglês para o português e do português para a libras** – uma análise descritivista. 2018. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Letras – Tradução Inglês-Português) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SILVA, Angela Carrancho. A representação Social da Surdez: entre o mundo acadêmico e o cotidiano escolar. *In*: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulália (Org.). **Letramento, bilinguismo e Educação de Surdos**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

SOARES, Fabiana Martins Rodrigues. O (não) ser surdo em escola regular: um estudo sobre a construção da identidade. *In*: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulália (Org.). **Letramento, bilinguismo e Educação de Surdos**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

SPREAD THE SIGN (STS). Öerbro, Suécia: European Sign Language Center, c2018. Disponível em: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

UNESCO. **Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel**. [s. l.], 2014. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227770por.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

VÁZQUEZ, I. O papel do dicionário no ensino e aprendizagem das línguas. Actas do I EIELP, **Exedra**, Coimbra, mar. 2010. p. 107-110. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3398954.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

VIANA, Joseane Maciel; SANTOS, Angela Nediane; LEBEDEFF, T. B. SPREAD THE SIGN – BRASIL: NOS LIMITES DA TRADUÇÃO INGLÊS - PORTUGUÊS BRASILEIRO – LIBRAS *In*: **ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO 3ª SEMANA INTEGRADA UFPEL**, 29. **Anais...** Pelotas: UFPel, 2017.

Recebido em: 16.08.2020

Aprovado em: 16.02.2021